

**CURSO DE ATOS – IBCU – AGO/SET – 2014****AULA 1 –****1.1 – Introdução**

**Unidade em dois volumes** - Lucas, o “médico amado” (Cl 4.14), é o mais importante de todos os autores do NT. A sua obra, que deveria ser mais propriamente chamada de “Lucas – Atos”, é a mais longa contribuição de um só autor no NT. Corresponde a 25% de todo o NT e é maior tanto do que o que chamamos de “corpus paulino” (composto das 13 Epístolas de Paulo), como dos cinco escritos de João (4º Evangelho, as 3 Epístolas e o Apocalipse). No que diz respeito ao conteúdo, sua importância é ainda maior. **O Evangelho de Lucas** é o mais rico dos três sinóticos, pois contém um excelente material encontrado apenas nele, no qual se encontram as mais queridas parábolas (O cego que guia a outro cego – 6.39-42; O bom samaritano – 10.25-37; O amigo importuno – 11.5-8; O servo vigilante – 12.35-48; A figueira estéril – 13.6-9; A grande ceia – 14.15-24; A dracma perdida – 15.8-10; O filho pródigo – 15.11-32; O administrador infiel – 16.1-13; O rico e o mendigo – 16.19-31; O juiz iníquo – 18.1-8; O fariseu e o publicano – 18.9-14; As dez minas – 19.11-27) e a maior parte das informações que temos dos dias que sucederam a ressurreição de Jesus, bem mais do que tudo o que os outros sinóticos, Mateus e Marcos, registraram. **O Livro de Atos** é também muito importante, pois não há qualquer outra narrativa dos primórdios do cristianismo que tenha sobrevivido. Embora lendo nas entrelinhas das epístolas paulinas possamos encontrar valiosas informações acerca da obra missionária de Paulo e seus companheiros, muitas das referências a eventos da sua vida ali encontrados são tão obscuras que, apenas à luz das narrativas de Atos é que ficam claras. De certa forma o livro de Atos é a moldura indispensável para podermos apreciar e entender com clareza os acontecimentos desse período, na sua verdadeira perspectiva. Lucas desenvolveu seu trabalho como um competente historiador e não apenas um cronista dos fatos. Efetuou pesquisas exaustivas do período em que não foi testemunha ocular, tanto da vida e ministério de Jesus como da fase de Atos em que não esteve presente (capítulos 1 a 15). A partir do capítulo 16 muito desse conteúdo era de pessoal

conhecimento de Lucas, por ter participado diretamente dos acontecimentos. Alternam-se nesse período trechos em que fala na primeira pessoa do plural (16.10-17; 20.5-16; 21.1-18 e 27.1-28.16) e na terceira. Uma interessante constatação é que a obra Lucas – Atos enfatiza, no seu conjunto, alguns temas marcantes e significativos de forma mais enfática do que os outros evangelhos: 1- O cristianismo é universal e não conhece limitação de raça; 2- A ênfase constante na ação do Espírito Santo no ministério de Jesus e, subseqüentemente, na missão apostólica; 3- Marcante simpatia pelos pobres; 4- Uma certa ‘antipatia’ pelos ricos; 5- Ênfase no dever de mordomia adequada das riquezas; 6- Especial interesse no papel desempenhado pelas mulheres na comunidade cristã; 7- Grande atenção à importância da oração; 8- O uso da palavra ‘graça’, que não é usada nem por Marcos nem por Mateus e que aparece 9 vezes em Lucas e 17 vezes em Atos; 9- O perdão de pecados; 10- O cristianismo não é uma seita subversiva, apesar das tentativas dos judeus de denegrirem o cristianismo diante das autoridades romanas, mas que se recusaram a condená-lo como tal. (A grande quantidade de referências em Lucas e Atos corroborando essas 10 afirmações podem ser obtidas com o professor)

### 1.2- Considerações gerais

**Autoria** - Os prólogos de Lucas (Lc 1.1-4) e o de Atos (At 1.1 e seguintes), mostram claramente a unidade de autoria, destinatário(os) e objetivos. Apesar de não haver qualquer referência direta de autoria no próprio livro, desde o princípio se tem sustentado, com unanimidade dos críticos, que Lucas é seu autor. Sabemos muito pouco acerca dele. Há somente três passagens a seu respeito no NT: Cl 4.14; Fl 24; 2Tm 4.11. Essas referências nos permitem afirmar três coisas: Lucas era médico (outras evidências: Lc 4.35 ‘convulsão’; Lc 9.38 ‘visita médica’; Lc 18.25 ‘agulha cirúrgica’ [*belone* e não *raphis*]); Era um dos colaboradores mais queridos de Paulo e um de seus amigos mais fiéis (companheiro até na sua última prisão); Podemos deduzir que ele era gentio (ver Cl 4.10,11 x 4.12-14). Isso nos leva também a concluir que Lucas foi o único autor gentio do NT.

**Data** - Há uma larga margem de considerações acerca da data em que foram escritos Lucas e Atos. Desde os anos 50 até o ano 150 dC. No entanto, não nos alongaremos nessa discussão pois, além ser pouco produtiva, há fortes indícios históricos e textuais de que Lucas foi escrito após o ano 70 e que a melhor hipótese, a nosso ver, é considerarmos que Lucas foi escrito em torno do ano 80 e que Atos o foi em torno do ano 85 dC.

**Local** - Quanto ao local de escrita, também há várias hipóteses e considerações, que levam a cidades como Antioquia, Éfeso, Corinto, Cesaréia e Roma. No entanto as maiores evidências históricas, textuais e até mesmo da tradição cristã apontam Roma como o local em que Lucas escreveu tanto o 3º Evangelho como o livro de Atos.

**Destinatários** - Lucas escreveu seu Evangelho e o livro de Atos para um homem chamado Teófilo (Lc 1.3 e At 1.1). A referência a ele como 'excelentíssimo' (que significa 'sua excelência'), indica que deve ter sido alguém que ocupava um alto posto no governo romano. Entre outras, destacamos três hipóteses a respeito de Teófilo: 1- Talvez não seja o seu nome verdadeiro. Naqueles dias era um tanto perigoso ser cristão ou mesmo interessado em conhecer mais de Cristo. A palavra Teófilo provém de duas palavras gregas, '*theos*' e '*filein*', que significam respectivamente 'Deus' e 'amor'. É possível, nesse caso, que Lucas escrevia a alguém que amava a Deus, não utilizando seu nome real a fim de protegê-lo. 2- Se Teófilo era de fato uma pessoa real, deve ter sido um alto funcionário do governo romano. Nesse caso Lucas teria escrito para demonstrar-lhe que o cristianismo era algo maravilhoso e que os cristãos eram gente boa e admirável. Talvez fosse até uma defesa do cristianismo para persuadir um funcionário do governo de que os cristãos não deviam ser perseguidos. 3- Há outra hipótese, mais romântica, segundo a qual Lucas havia sido médico de Teófilo (naquele tempo os médicos às vezes eram escravos). Poderia ser que Teófilo tivesse uma doença grave que Lucas, pela sua perícia e devoção, trouxe-lhe a cura. Nesse caso, em gratidão, Teófilo o havia libertado. É possível então que, por estar tão agradecido por essa libertação, Lucas quis oferecer a Teófilo o que de mais precioso ele tinha: A história redentora de Jesus.

**Motivação** - Além da questão pessoal do destinatário, parece-nos que Lucas tinha mais razões para escrever Atos. 1- Recomendar o cristianismo ao governo romano. Vemos como ele registra vários episódios em que autoridades se mostram favoráveis a Paulo e ao cristianismo, em contraste com as atitudes sempre agressivas dos judeus. (At 13.12 – conversão de Sérgio Paulo, governador de Chipre; At 18.12 a 17 – Gálio, governador da Acaia, é absolutamente imparcial em Corinto; At 16.35 a 39 – as autoridades de Filipos se desculparam, pessoalmente, com Paulo pelos açoites e prisão; At 19.31 e 35 a 41 – autoridades da Ásia e da cidade de Éfeso preocupados de que Paulo não sofresse qualquer dano e dão bom testemunho dos cristãos; At 23.26 a 30 – Cláudio Lísias, comandante do batalhão romano em Jerusalém, dá bom testemunho de Paulo ao enviá-lo ao governador Félix; At 25. 23 a 27 – Festo, que substituiu Félix no governo da província romana da Judéia, cuja capital administrativa era Cesaréia, envia Paulo ao rei Agripa dizendo que, se ele não tivesse apelado para Cesar, era o caso de ser solto). Essas referências todas visam demonstrar que as autoridades romanas sempre se portaram de maneira justa para com os cristãos, não os considerando pessoas más ou perigosas. Segundo alguns, o livro de Atos não era outra coisa senão um libelo a ser usado na defesa de Paulo no seu julgamento perante o imperador romano. 2- Demonstrar que o cristianismo era uma religião universal, destinada a todos os homens de todas as nações. Isso era uma grande dificuldade para os judeus, pois se agarravam à ideia de que eles eram os únicos eleitos, e que Deus não tinha nada a ver com as demais nações. Lucas decide então provar que não era assim. Mostra Felipe pregando aos samaritanos; Estêvão mostrando que o cristianismo é algo universal e morrendo por isso; Pedro aceitando Cornélio na igreja; os cristãos pregando aos gentios em Antioquia; Paulo viajando de um lado para o outro ganhando todo o tipo de pessoas para Cristo; e, em At 15, o registro da grande decisão da igreja de Jerusalém, em aceitar os gentios em igualdade de condições com os judeus. 3- Mas as duas primeiras podemos considerar como razões secundárias. O grande propósito de Lucas está contido nas palavras do Cristo Ressuscitado em At 1.8: ‘..., e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém

como em toda Judéia e Samaria e até aos confins da terra.’ O grande propósito de Lucas foi mostrar como esse pequeno movimento oriundo de um insignificante lugar na Palestina, em pouco mais de trinta anos chegou ao coração do Império Romano.

### 1.3 – Últimas aparições e ascensão de Jesus (At 1.1-11 e paralelos)

É Lucas, tanto no cap. 24 de seu evangelho, como no início de Atos, quem dá mais detalhes dos quarenta dias em que Jesus ressurreto ministrou aos seus discípulos de diferentes formas, embora tanto Mateus quanto João tenham também registrado fatos desse período (Não consideramos aqui os registros do final de Marcos, cap. 16.9-20). Nesse período aparece às mulheres logo após a ressurreição (Mt 28.9,10); aparece aos onze na Galileia (Mt 28.16,17); aparece a dois discípulos no caminho de Emaús em uma pungente manifestação (Lc 24.13-35); come com os discípulos (Lc 24.36-43); se manifesta aos discípulos na casa trancada e uma semana depois volta para que Tomé o visse (Jo 20.19-29; aparece a sete discípulos no mar da Galileia, promove a chamada ‘pesca maravilhosa’ e come com eles (Jo 21.1-14); reabilita Pedro e o investe na liderança do grupo (Jo 21.15-23); estabelece a Grande Comissão (Mt 28.18-20 e Lc 24.44-49); e ordena que permanecessem na cidade até descida do Espírito Santo. Esse período culmina com a sua ascensão, descrita tanto em Lc 24.50-52 como em At 1.6-11. A ascensão de Jesus é o marco divisor dos ministérios terreno e celestial do Senhor Jesus. Embora o Pentecostes, ocorrido apenas dez dias após seja o marco iniciador da igreja, é a ascensão que separa o restrito e localizado ministério terreno de Jesus da expansão ilimitada e sem ‘impedimento algum’ do ministério celestial do Senhor Jesus através da sua igreja, no poder do Espírito Santo. Visto por apenas onze discípulos na sua partida, na sua volta ‘todo olho o verá’ (Ap. 1.7). Em vez de voltar sozinho como foi, virá na companhia de milhões de santos, humanos e angelicais. Ao invés de ser uma volta restrita a um local será ‘...assim como o relâmpago, fuzilando, brilha de uma a outra extremidade do céu...’ (Lc 17.24). É por ocasião de sua partida, devido a pertinência do momento, que Jesus insiste na incompetência

dos discípulos em especularem acerca dos 'tempos ou épocas' relativas a sua volta (Mt 24.36 e seguintes; 1Ts 5.1,2).

#### **1.4 - Primeiro núcleo e a escolha de Matias – (At 1.12-26)**

Unanimidade e Perseverança. Essas as duas características desse pequeno grupo inicial de seguidores de Jesus que formavam a proto-igreja: os onze, as mulheres (provavelmente Maria Madalena, Joana e Susana, talvez ainda acrescentadas de Maria mãe de Tiago e as outras que encontraram o túmulo vazio, além de Maria mãe de Jesus) os irmãos de Jesus (que não haviam crido nele durante seu ministério – 1Co 15.7) que agora estão alistados entre os primeiros crentes. A promessa do revestimento do Espírito Santo, ao invés de fazê-los aguardar com tranquilidade seu cumprimento, fez com que se dedicassem unânimes e perseverantes na oração. Na sua diligência, considerada por muitos como precipitação, escolheram aquele que deveria substituir Judas Iscariotes. Naquele momento já era 120 o número dos que se reuniam regularmente. Foi esse grupo que considerou a morte de Judas (registrada também em Mt 27.3-10), a necessidade de substituí-lo baseada nas escrituras (At 1.20 com base em Sl 69.25 e Sl 109.8) e, utilizando os critérios de escolher alguém que tivesse sido testemunha da ressurreição de Jesus, tê-lo visto ressurreto, ter sido um dos que o acompanharam todo o tempo que o Senhor andou entre eles e ter sido por ele mesmo escolhido (o entendimento de lançar sortes contemplava esse critério), indicaram José e Matias. A escolha de Matias, portanto, não pode ser considerada como um erro. Preencheu a lacuna que havia ficado. O fato de que mais tarde tanto Paulo, como Tiago (irmão de Jesus) foram também considerados como apóstolos na exata concepção do termo, não invalida a eleição de Matias. Também o argumento de que Matias não foi mais citado no NT após sua escolha, é um tanto débil pois alguns dos demais apóstolos também não foram citados no NT daí em diante.